

Coisas do Gênero

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO



Coisas do Gênero é licenciada sob uma Licença Creative Commons

O desejo em Simone de Beauvoir e em Judith Butler: Um modo interrogativo de ser

Desire in Simone de Beauvoir and Judith Butler:

An Interrogative Way of Being

Magda Guadalupe dos Santos*

Resumo: No presente artigo analisam-se os referenciais teóricos da filosofia feminista de Simone de Beauvoir e de Judith Butler. Dos textos autobiográficos de Simone de Beauvoir identificam-se os relatos das experiências como explicitação e confirmação gráfica da própria vida. Especificamente na parte introdutória de alguns textos de Judith Butler apreende-se apenas o registro fugidivo de intenções e possibilidades, as quais a autora não se permite tocar de fato na configuração descritiva de sua vida. Nos contrastes e confluências, o âmbito conceitual do desejo, como fio condutor filosófico, permite que sejam identificadas linhagens hegelianas que perpassam as obras das duas filósofas e que se demonstram paradigmáticas para os estudos das teorias feministas da atualidade.

Palavras-chave: Beauvoir. Butler. Autobiografia. Desejo. Filosofia feminista.

Abstract: In this article we analyze the theoretical framework of the feminist philosophy of Simone de Beauvoir and Judith Butler. The autobiographical writings of Simone de Beauvoir identifies the accounts of experiences as explicit and graphic confirmation of life itself. Specifically in the introductory part of some Judith Butler texts, one can identify only fleeting records of intentions and possibilities, in which the author is not allowed to play in earnest the descriptive configuration of life. In the contrasts and confluences, the conceptual framework of desire, as a philosophical wire conductor, exhibit Hegelian lines that run through the works of the two philosophers, both of which are paradigmatic for studies of current feminist theories.

Keywords: Beauvoir. Butler. Autobiography. Desire. Feminist philosophy.

Introdução

Ao se analisar os escritos autobiográficos da perspectiva da filosofia feminista, desvelam-se questionamentos, demandas, deslocamentos. Questões corriqueiras se mesclam na experiência

* Professora doutora do Departamento de Filosofia e da Faculdade de Direito da PUC Minas. Mestre em Filosofia e doutora em Direito, ambos os títulos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do grupo interdisciplinar de pesquisas feministas GPFEM. Pesquisadora de teorias e filosofias feministas. Contato: magda.guadalupe@yahoo.com.br



autobiográfica, como: Quem sou ou quem somos? Para quem somos e a quem estamos destinadas na experiência de certa promessa impossível, que é a plenitude da memória? Além disso, há sempre a questão da recepção. Não se escreve apenas para um suposto eu vivido que se torna leitor/a de si mesmo/a, mas para leitoras e leitores ideais ou reais historicamente determinadas/os. Tais questões que rodeiam alguns tópicos como o nome, o sexo, o gênero e a memória, incluem também o outro do eu e a relação da escritora ou escritor com as formas lógicas de pensar, sentir e registrar na folha branca do papel os contornos de uma vida assentada em situações imaginadas e experimentadas. No caso das mulheres filósofas e memorialistas, a complexidade da inscrição autobiográfica é acrescida de reflexões sobre projetos, falhas e lacunas. Pode-se afirmar que tais registros se apresentam tanto de forma desiderativa e explícita, por meio dos relatos das experiências de vida, quanto como comprovação gráfica de que se viveu, tais como os apontamentos nas obras expressamente autobiográficas de Simone de Beauvoir. Podem também se encontrar nos ensaios teóricos de tantas outras filósofas e pensadoras que não se permitem tratar especificamente de si no corpo da obra, mas que se rodeiam a si mesmas na escrita autobiográfica que se condensa nas apresentações de introduções textuais. Essas são inscrições com as quais nos defrontamos, entre outras, nas obras de Judith Butler.

Do embate crítico entre as teorias surgem duas propostas metodológicas. A primeira, contornar os fios da memória em um projeto autobiográfico evidente, como o de Simone de Beauvoir; a segunda, camuflar argumentos de memória pela urgência de teorizar sobre inovações e aberturas conceituais, como se observa em Judith Butler. Em ambas há um evidente intuito de reformulações de costumes e normas assumidos como provocação ou respostas aos debates feministas, especialmente, àqueles surgidos na segunda metade do século 20 em diante.

Ao se proceder a uma leitura analógica das teorias das duas filósofas, estabelece-se também uma interlocução entre paradigmas filosófico-feministas distintos. De certa perspectiva, há a matriz tradicional, que vincula Simone de Beauvoir às leituras hegelianas que moldam o seu realismo dialético, ou mesmo suas “demandas por uma política que respeita as diferenças” (*for a politics that respects differences*), nos termos de Sonia Kruks¹, trazendo elementos para o que se denominou tanto *teoria feminista de gênero* quanto *teoria da diferença sexual*, assim como para diversificadas leituras com referencial ético-político em torno dos feminismos contemporâneos pós-década de 1960. De outra, as várias e distintas leituras de Hegel e também de Beauvoir realizadas por Judith Butler, que inauguram gradualmente modulações diferenciadas em relação à tradição filosófica e feminista, ampliando e mesmo reformulando perspectivas sobre a correlação entre sexo, desejo e gênero.

¹ KRUKS, Sonia. *Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 46.



Neste artigo, não viso conciliar o impossível, mas talvez, obstinar na defesa da teoria filosófico-feminista como tarefa transformadora. Procedendo a analogias, parece instigante indicar traços comuns entre a proposta religiosa – no sentido de *religio*, unir, atar e vincular indivíduos e comunidades entre si – e os feminismos que se realçam como modulações congregando experiências de mulheres, saberes e desejos para que um cenário de paz e de justiça se objetive culturalmente. Ampliando os signos culturais, filosofia, religião e feminismos teriam pontos em comum no discernimento do que se objetiva como necessário e possível à vida. Contudo, as analogias não se satisfazem de imediato, sendo necessário perseguir certo curso interrogativo justamente nos entrelaces teóricos de Beauvoir e Butler, e o aporte especulativo que ambas buscam especialmente nos traços da memória e na filosofia com lastros no pensamento filosófico de Hegel.

Beauvoir e a memória da diferença

Em vários momentos de seus escritos, Simone de Beauvoir menciona criticamente tanto a filosofia quanto a dialética hegeliana. Em *Pour une morale de l'ambiguïté*² faz ela alusão às teses do filósofo alemão como aquele que sublinha, na *Fenomenologia do espírito*³, certa confusão entre objetividade e subjetividade⁴, o indivíduo como um “momento abstrato da História do Espírito absoluto” e sua pretensão de esvaziar o mundo humano de sua “espessura sensível”⁵. Retoma em *Le deuxième sexe*⁶ a análise sobre o sentido relativo e absoluto da ideia do outro, no confronto intersubjetivo entre identidade e diferença, concernente à especificidade entre homem e mulher e, pois, à diferença de gênero⁷, e desenvolve ao longo de suas obras de memória, tal como em *La force de l'âge*⁸, *Tout compte fait*⁹, e de ficção, como em *L'invitée*¹⁰ (1943), a relação entre *subjetividade* e *alteridade* em moldes bem hegelianos. Sua filiação hegeliana é evidente, embora assentada em bases críticas.

Os escritos de Simone de Beauvoir inauguram, de certa perspectiva, teorias em bases paradigmáticas distintas, que realçam, por um lado, as questões de gênero, por outro, as questões da diferença sexual e, em sua linhagem hegeliana, surge nesta vertente o problema filosófico do reconhecimento e da relação entre o eu e o outro, ambas figuras edificantes da *Fenomenologia do espírito*. A dialética do reconhecimento pressupõe que, em algum momento do enfrentamento, as

² BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambiguidade*. Paris: Gallimard, [1947] 1974 (idées).

³ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Phänomenologie des Geistes* [1807]. Hamburg: Felix Meiner, 1988; *Fenomenologia do Espírito*. Parte I e Parte II. Petrópolis: Vozes, 1992.

⁴ BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambiguidade*. Trad. de Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 123.

⁵ BEAUVOIR, 2005, p. 86.

⁶ BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard [1949] 1986 (Folio)

⁷ BEAUVOIR, 1986, p. 12.

⁸ BEAUVOIR, Simone de. *La force de l'âge*. Paris: Gallimard, [1960] 1984.

⁹ BEAUVOIR, Simone de. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard, 1972.

¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *L'invitée*. Paris: Gallimard [1943]



relações de simetria se evidenciem. Na relação entre mulheres e homens, entende Beauvoir que as bases sempre se revelam para além da simetria¹¹. Sua crítica à história da cultura é justamente no sentido de certo reducionismo do feminino, da mulher ou das mulheres a um outro absoluto, sem reciprocidade axiológica.

O alicerce de ambiguidades e paradoxos que se apresentam na interpretação de Beauvoir dos lastros hegelianos tem influência nas formulações feministas, especialmente nas interlocutoras de *O segundo sexo*. De Betty Friedan a Julia Kristeva, em termos de recepção, suas ideias tiveram um forte impacto no sentido de perturbar a ordem estabelecida entre os sexos, até sua retomada pelas feministas dos anos 60 e 70. Especialmente Betty Friedan, em *The Feminine Mystique*¹² (1963), por meio do NOW (*The National Organization for Women*), fundado em 1966, propõe a reivindicação do poder pelas mulheres no sentido de destituírem-se da “mística feminina”, de tentarem abrir novos espaços de questionamentos sobre o desejo, a sexualidade e a autonomia feminina para além dos ditames do patriarcado e muito além do que se convencionou ser o valor da simetria.

No que toca aos escritos autobiográficos de Simone de Beauvoir, a mulher descrita muitas vezes não coincide com a mulher que se descreve nos traços da memória. Seu discurso é bastante ambíguo, tal como já me referi em diversas outros textos¹³. De fato, Beauvoir relata seu projeto autobiográfico de fazer-se existir para os outros, comunicando-lhes “da maneira mais direta” (*de la manière la plus directe*) o sabor de sua própria vida, na convicção de haver alcançado seu objetivo¹⁴. Por outro lado, as memórias remetem a *Le deuxième sexe*, a “um estudo fenomenológico da mulher”, podendo-se identificar como aspectos de sua filosofia a “sua orientação ética”, conforme observa Eva Gothlin¹⁵. No cerne desta feição evidencia-se uma dimensão dialógica, um verdadeiro “diálogo com o outro”¹⁶.

No final dos anos 1940, Beauvoir inicia seu processo de trazer para o âmbito das reflexões filosóficas o tema do feminino e da complexidade de “ser mulher”:

Que a mulher seja fabricada pela civilização e não biologicamente determinada (*que la femme soit fabriquée par la civilisation et non biologiquement déterminée*) é um ponto que nenhuma feminista coloca em dúvida [...]. E espanta-me que a exploração da mulher seja aceita com tanta facilidade (*soit si facilement acceptée*)¹⁷.

¹¹ BEAUVOIR. *Le deuxième sexe*. 1986, p. 17-19

¹² FRIEDAN, Betty. *The feminine mystique*. Nova York: Norton and Company, Inc, 1963.

¹³ SANTOS. Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção. In: *Rev. Estud. Fem.*, Dez 2012, vol. 20, n. 3, p. 919-937; SANTOS, Beauvoir. Paradoxos e interlocuções metodológicas. Sapere Aude. In: *Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 2. n. 6. p. 271-297. 2º. Sem. 2012.

¹⁴ BEAUVOIR. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard, 1972, p. 513.

¹⁵ GOTHLIN, Eva. Beauvoir et Sartre: deux philosophies en dialogue. In: DELPHY, Christine; CHAPERON, Sylvie. *Cinquantenaire du deuxième sexe*, Paris: Syllepse, 2002. p. 113-120. (Nouvelles Questions féministes),

¹⁶ GOTHLIN, 2002, p. 114.

¹⁷ BEAUVOIR, *TCF*, 1072, p. 504-505.



O que Beauvoir deixa como herança aos feminismos é a possibilidade de as mulheres poderem recuperar a sua diferença como uma alteridade autônoma. Assim, “a mulher” ou “as mulheres” (termo usado ora no singular, ora no plural em *O segundo sexo* e outros escritos) devem recorrer aos desejos tomando-se a si mesmas como referência, reativando seus projetos existenciais por meio da narrativa, reescrevendo sua história, de uma perspectiva individual e comum, tal como ela faz. A prática de contar histórias – na forma da escrita autobiográfica – é um tema constitutivo dos feminismos. No ato da escritura, cada mulher-escritora descobre-se em suas características e também como outro de si, por meio de um processo de autoeducação.

Certamente, Beauvoir não é a primeira a abrir o espaço literário e autobiográfico aos contornos dos feminismos. Mas seu método é tanto radical quanto original. Ela tanto parece aventurar-se no processo de identificação de um eu que se volta à construção da liberdade, quanto se reserva dizer, muitas vezes, bem pouco de si, permitindo que o outro seja o personagem central de seu desejo de reescrever a história de ideias, pensamentos e vivências. Possivelmente, o ato de silenciar-se diante de um cenário fático fosse também um modo demonstrativo de problematizar por meio da escrita como o *não lugar* do feminino na história era um traço constitutivo e complexo da história das mulheres.

Não se pode, contudo, esquecer que, ao lado da figura de mulher que ilumina as trilhas dos feminismos contemporâneos, havia também a da mulher dedicada a uma amizade que durou toda uma vida e fez de Sartre, muitas vezes, o personagem principal de seus relatos de memória. Como entender esse paradoxo, no qual vida e obra se misturam? No conflito entre o ato de revelar-se e o de recolher-se para permitir que o outro se realce transparece o camuflado lugar de alteridade das mulheres no cenário histórico-cultural. Beauvoir faz também transparecer um discurso em primeira pessoa, tal como um diário, mas que frequentemente delega a prioridade narrativa e o protagonismo do discurso a outro sujeito que não o próprio eu. Acredito que certa retórica do outro surja em suas obras autobiográficas, ampliando o que Gothlin nomeia como “orientação ética”¹⁸. Seus escritos são o registro enfático do desejo pelo desvelamento do outro, do plano dialógico da existência, mesmo quando é apenas o eu que deveria contar no registro autobiográfico.

Butler e os desvios autobiográficos

De outra feita, em Judith Butler, especialmente no prefácio de obras como *Bodies that Matter*¹⁹ e da reedição de *Gender Trouble*²⁰, o contorno autobiográfico se demonstra tanto pela subversão de exigências de lucidez quanto no desvelamento dos excludentes discursivos. Ela

¹⁸ GOTHLIN, 2002, p. 223.

¹⁹ BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*. On the discursive limits of “sex”. Nova York, London: Routledge, 1993.

²⁰ BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York, Londres: Routledge [1990] 1999, 2007.



anota: “O fato de que eu possa escrever de um modo autobiográfico não altera, eu penso, o lugar que ocupo como o sujeito que sou”²¹. Pode-se indagar por que o tema autobiográfico surge em seus textos apenas como forma introdutória de suas obras. Seu autorretrato, sua dicção de memória, sua linhagem autobiográfica, não se desenvolvem explicitamente no corpo dos textos, embora Butler sempre os mencione, trazendo algo de si, de um eu impessoal, para rastrear alguns pontos de exclusão e de rejeição do real e irreal.

Na reedição de *Gender Trouble*, em 1999, Butler se posiciona de um modo que coincide com os debates sobre a questão corpórea do gênero e com a atuação de formas corpóreas não normatizadas. Num primeiro momento, ela se expressa como uma autora que nutria certa “relação de combate e antagonismo em face a certas formas de feminismo”. Seu plano inicial era o de conferir, de forma crítica, o “vocabulário básico do movimento de pensamento no qual se inscrevia” e sua autocrítica evoca o empenho de uma vida mais democrática para o movimento feminista²². Especificamente, quando da primeira edição da obra, sua intenção era criticar “um suposto heterossexual dominante na teoria literária feminista”²³ e os limites às concepções aceitas de masculinidade e feminilidade. O feminismo não deveria se conceber atado a “certas expressões de gênero”, que tanto originam novas formas de hierarquia quanto de exclusões²⁴. Em segundo lugar, seu objetivo não era prescrever uma nova forma de vida determinada pelo gênero, mas tornar factível o alcance do gênero sem ter que precisar a viabilidade de sua realização.

Butler explora as possibilidades de algumas práticas diante do pânico da desconstrução do gênero. Ela se opunha ao heterossexismo existente bem no íntimo de novas possibilidades indagativas sobre a “diferença sexual”, manifesto em argumentos do pós-estruturalismo francês, e questionava preceitos e realizações de práticas feministas, conduzindo as polêmicas para o campo das teorias culturais ou da teoria crítica²⁵. Ressalta sua linhagem filosófica junto a intelectuais franceses e a americanização de seu repertório argumentativo, na medida em que reavalia uma forma única de expressão sexual em sua expressão política. Ela concebe as práticas sexuais não normativas como algo que perturba e desestabiliza o gênero como categoria de análise²⁶. Sua apreciação se volta também a uma interlocução ético-política, mas dissimula os modelos autobiográficos em que se apoiam o seu desígnio de repensar e desconstruir o gênero.

²¹ BUTLER, 2007, p. 20.

²² BUTLER, 2007, p. viii.

²³ BUTLER, 2007, p. xiii.

²⁴ BUTLER, 2007, p. viii.

²⁵ BUTLER, 2007, p. ix.

²⁶ BUTLER, 2007, p. ix.



Beauvoir, paradigmas e recepção

Apesar das críticas à metodologia beauvoiriana, não se pode desconsiderar que o debate feminista entre igualdade e diferença ainda continua vigente em diálogo com as teorias da desconstrução do gênero, embora as críticas atuais se voltem para desacreditar seus aportes para a reflexão das variantes feministas pós-década de 1980. Pensa Sonia Kruks que Beauvoir antecipa certa feição crítica pós-estruturalista e seu ideal de sujeito soberano. Seu persistente ideal de liberdade e de possibilidades de criação de sentido para cada vida e sua insistência na responsabilidade de cada um pelo que se faz, enfim, suas chaves de leitura da existência realçam como uma base de desconforto sobre o qual se erguem as teorias pós-estruturalistas.²⁷ Com Beauvoir, sobretudo a questão da unicidade do núcleo humano já se problematiza de distintas angulações da ética existencial.

As leituras críticas

Passemos, assim, ao tema do desejo e às ligações com a filosofia hegeliana, assim como à relação entre desejo e reconhecimento apreendidas por ambas as filósofas.

De certa perspectiva, pode-se afirmar que Beauvoir descreve o recolhimento e os desvelamentos de uma mulher no século 20, cujo desejo de interlocução com o mundo se evidencia na experiência da vida sob nova ótica valorativa, política e social. Em *Tout compte fait*, ela narra:

O Movimento (MLF) organizou a 20 de novembro (1970), associando-se às manifestações feministas que se realizaram nesta data em vários lugares do mundo, uma passeata, em Paris, de mulheres exigindo liberdade de maternidade, de contracepção e de aborto. Participei dela. Caminhamos da *République* até a *Nation*, ocupando toda a rua [...]. Éramos cerca de quatro mil, a maioria de mulheres, mas havia também homens. [...] Alguns pais tinham levado seus filhos” [...]. Quando passamos diante da igreja Saint-Antoine, uma noiva, toda de branco, ia subindo a escadaria. Gritamos: ‘A noiva conosco! Libertem a noiva!’ e a frente do cortejo saiu da rua para entrar na igreja. O padre discutiu um pouco com os militantes, e prosseguimos em direção à *Nation*.²⁸

Como se vê, o que ela escreve é o que se buscava nos anos 1970, um desejo profundo de releitura dos modelos morais e sociais. As análises de *Le deuxième sexe* teriam aberto as perspectivas de novas posições epistemológicas no cenário filosófico, mas as mudanças da sociedade política tornam-se um objeto desiderativo nas obras autobiográficas. Como entender a mulher fora das situações vividas nos cenários sociais? Mundo e vida se entrelaçam e os escritos de memória registram isso.

De outra angulação, Butler analisa as relações corpóreas e intelectivas entre pensar e desejar, sentir e se posicionar, de *Gender Trouble* aos escritos atuais, como *Frames of War*²⁹, entre

²⁷ KRUKS, 2012, p. 7.

²⁸ BEAUVOIR, S. *Balanço final*. 3. ed. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 482-483.

²⁹ BUTLER, Judith. *Frames of War: When is Life Grievable?* Londres: Verso, 2009.



outros. Empreende ela estudos sobre o gênero enquanto interpretação cultural do sexo, assim como um meio discursivo e cultural, no qual se incluem as relações de poder que justamente provocam e dissimulam o efeito de um sexo pré-discursivo (*the effect of a prediscursive sex*)³⁰, enfrentando as dificuldades de se identificar as molduras pelas quais se apreende ou não a vida dos outros como suscetível de ser lesada.

Segundo ela, Beauvoir, ao retomar Hegel para problematizar a evidência histórica de uma “dialética assimétrica”, teria se perdido em generalidades que ecoam na questão da universalidade da identidade feminina e da opressão masculina. Essa não é, contudo, a opinião de outras estudiosas. Comentadoras feministas recepcionam Beauvoir sobretudo como uma resposta às hostilidades culturais contra as mulheres. Segundo Jo-Ann Pilardi, o que ela demonstra é uma variedade histórica da alteridade, criticando as formas reificadas de distinção das mulheres dos homens³¹. Por sua vez, Margaret Simons entende que a rejeição de Beauvoir à mistificação da diferença de gênero é bastante evidente, o que ela tem de interessante sendo justamente a sua não recusa da diferença de gênero nas experiências concretas de mulheres, mas justamente sua desmistificação (*but to demystify it*)³².

Butler e a filiação hegeliana

Se certa ala dos feminismos atuais critica Beauvoir devido a seu lastro teórico com grandes marcos conceituais, Butler não desconsidera o seu valor. Desde *Subjects of Desire* (1987) ela analisa a logicidade e a retoricidade do texto hegeliano e as relações entre a exterioridade e a interioridade do sujeito, assim como sua identidade e diferença, as quais se problematizam diante do efeito do desejo. Não lhe parece que a filosofia francesa do século XX tenha compreendido a complexidade do desejo em Hegel, já que seus intérpretes, como A. Kojève, J. Hippolite ou Sartre não deram respostas suficientes acerca das fissuras do sujeito moderno.

Observe-se que Butler sequer aponta Beauvoir como uma das vertentes filosóficas importantes de releitura hegeliana na França do século 20. Em seu artigo *Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*³³, datado de 1986, assim como em *Gender Trouble* e em *Bodies that Matter*, critica ela certa metafísica da substância presente em Beauvoir, o que demonstra como não afasta ela Beauvoir de uma mirada crítica, tampouco a inclui na mesma tradição filosófica continental que teria proposto certo falseamento retórico do desejo em Hegel.

³⁰ BUTLER, 2007, p. 10.

³¹ PILARDI, Jo-Ann. *Feminists Read The Second Sex*. In: SIMONS, Margaret A. *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1995, p. 34.

³² SIMONS, Margaret A. *The Second Sex: From Marxism to Radical Feminism*. In: SIMONS, Margaret A. *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1995, p. 259.

³³ BUTLER, Judith. *Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*. In: *Yale French Studies*. Simone de Beauvoir: Witness to a Century, n. 72, p. 35-49, Winter, 1986.



Butler é também leitora de Foucault e Derrida, em que uma nova feição humana se projeta. Delimita ela, assim, tanto a compreensão do gênero, quanto a sua correlação com as várias identidades sexuais, com possibilidades de apontar diferentes categorias de uso dos marcos feministas, que também respondem aos anseios dos estudos *queer* e das delimitações heteronormativas fabricadas pela cultura. Nesse sentido, é sobretudo nas modulações do discurso que o sujeito butleriano se constitui e não nos quadros da existência sexuada e corpórea, como pretendia Beauvoir. Segundo Sara Salih, a proposta de Butler é questionar de forma continuada “o sujeito”, perquirindo os processos pelos quais “os sujeitos vêm a existir”, tal sujeito não sendo “um indivíduo, mas uma estrutura linguística em formação”.³⁴

Butler e a teoria do desejo a partir de Hegel

Em *Subjects of Desire*, Butler retoma *A fenomenología do espírito* perseguindo a relação que ali se apresenta entre desejo e reconhecimento. Até então, em nada parece diferir dos intentos de Beauvoir já na introdução a *Le deuxième sexe*, na qual a luta das consciências se sexualiza. Entre as duas, o que parece variar, num primeiro momento, é apenas a metodologia. Beauvoir toma apenas o método existencialista de perseguir tópicos existenciais relidos em Hegel, e não propriamente uma via idealista. A pergunta que se evidencia na luta das consciências feminina e masculina equivale à questão sobre como poderia uma das consciências, ou melhor um dos supostos *sujeitos* que refletem sobre si a partir do outro, não se realizar de forma autônoma e se condicionar apenas como o outro do eu.

Esta é uma questão que parece deixar as mulheres numa situação de submissa alteridade ou de eterna minoridade. Contudo, é preciso vasculhar a amplitude do sentido de outro nos escritos de Beauvoir. Se o princípio da identidade é também o da logicidade masculina, o princípio de alteridade seria aquele constante no âmbito do desejo? Estariam as mulheres aquém ou além da margem lógica estipulada pelos homens? As interlocutoras de Beauvoir, especialmente as de língua francesa, como Irigaray e Kristeva, irão reler esse *outro* como dotado de complexidade e não de simples fragilidade existencial. Ser outro não é ser menor, mas é exigir uma dignidade em suas bases de diferença.

Pontuando o que lhe parece mais determinante, enfático e profundo em cada filósofo da tradição francesa, Butler aborda o tema desejo enquanto destinado a expressar a reflexividade da consciência, estabelecendo-se, assim, uma relação entre desejo e reconhecimento. Se o sujeito histórico não é um ser fixo no tempo e no espaço, mas uma “mobilidade crítica”, um sujeito que se realiza a partir de fora de si, em suas apropriações, nenhum retorno a um momento ou a um eu

³⁴ SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 10-11.



anterior lhe parece possível.³⁵ Em seu entendimento, o sujeito em Hegel jamais recupera a si mesmo em sua integralidade, além de que “o encontro do sujeito hegeliano com a diferença não se resolve na identidade”. Na sua experiência do desejo, daquilo que o inquieta e provoca, na busca da “verdade da certeza de si mesmo”³⁶, a trajetória dialética do sujeito se expressa fortemente por meio da negação. Mas não é, segundo Butler, em busca de preceitos lógicos, de equilíbrio racional que o sujeito se volta sobre si, negando uma imagem fixa e remetendo ao outro de si. Pelo contrário, as figuras diversas da *Fenomenologia* surgem para descrever um estado lógico pouco estável, na verdade, a figura do desejo é justamente a que assinala a instabilidade das relações lógicas.

Entretanto, se a história da filosofia sempre realçou a preocupação hegeliana pela prevalência lógica, tal leitura, mesmo que em várias projeções, apenas camufla o real alcance do desejo. Para Butler, na filosofia hegeliana desejo e conhecimento caminham juntos, já que o ato de “desejar o mundo e conhecer o seu significado e sua estrutura” não são empreendimentos conflitantes. As leituras filosóficas pós-hegelianas tentaram ressaltar o pensamento reflexivo como algo liberado do mundo que investiga. O desejo muitas vezes aparecia aos filósofos como “falta de ordem, como desespero ou náusea”.³⁷ De toda forma, não é possível desconsiderá-lo, mesmo ou apesar de seu total incômodo, e, assim, o que lhes parecia possível ou necessário era justamente controlar esse desejo.

Contudo, escreve Butler, neste momento de controle devem os filósofos “desejar fazer algo a respeito do desejo, apesar de si mesmos”, e tudo o que lhes restou foi certa “domesticação do desejo em nome da razão”.³⁸ Nesses termos, ela finalmente entende que o desejo é um modo interrogativo de ser, uma interrogação corpórea da identidade. Por meio dele, o sujeito desiderativo experimenta o que busca conhecer, mas sua experiência adota a forma de uma busca do saber e suas distintas buscas filosóficas se manifestam em formas de vida. Possivelmente é o desejo uma “busca tácita de identidade” e, nesse sentido, a experiência do desejo torna-se “uma forma de propor o problema da identidade”³⁹.

O desejo lhe parece, assim, o “movimento ambíguo do sujeito” em relação ao mundo, em seu ato de devorar e exteriorizar, apropriar-se e dispersar. O outro, nesta situação, torna-se parte essencial da experiência, e o desejo – que é sempre o de reconhecimento – realça-se como expressão da identidade histórica. A formação da subjetividade lhe parece somente se expressar – na base de interlocução entre o sujeito, o desejo e o reconhecimento – por meio da negação do

³⁵ BUTLER, Judith. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Nova York: Columbia University Press, [1987] 1999.

³⁷ BUTLER, Judith. *Sujetos del deseo: Reflexiones hegelianas en la Francia del siglo XX*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012. p. 24.

³⁷ BUTLER, 2012. p. 30.

³⁸ BUTLER, 2012, p. 30.

³⁹ BUTLER, 2012, p. 39.



outro pelo eu, em uma relação radical e constitutiva do sujeito com a alteridade. E é precisamente essa ambiguidade do desejo que move o sujeito e o outro.

Após a publicação de *Subjects of Desire*, em 1987, em cujo prefácio Butler afirma que apenas delinea tópicos a serem desenvolvidos em outros textos, será então a vez das teses polêmicas e profundas que se apresentam em *Gender Trouble*, publicada em 1990. A partir desse momento, os conceitos de gênero e sexo consolidam sua desconstrução do sujeito e apresentam as possibilidades de subversão desiderativa, ou em nome do desejo, como tema apenas cogitado na obra de 1987. Em *Gender Trouble*, o tema central é a caracterização da identidade de sexo e de gênero como performativa, e, para tanto, Butler questiona os modos pelos quais a identidade, sobretudo a de gênero-sexual, é construída no e pelo discurso e exhibe os traços de um sujeito sempre em processo, que se constitui no discurso pelos atos que executa, reslumbrando um seguimento de atos sem um autor ou autora preexistente. Este é também o entendimento de Sara Salih, para a qual a postulação de Butler é de um sujeito sempre em processo, que se constrói no e pelo discurso por meio do qual os atos se revelam e se executam, sem uma base de sustentação essencialista que determine *a priori* como esses atos se consagram. Segundo Salih, a ideia de processo ou de devir é crucial para compreender as teorias de Butler que têm como base a noção hegeliana de dialética.⁴⁰

A leitura butleriana de Hegel, contudo, é peculiar, pois seu modelo dialético nunca se apresenta por meio de uma certeza absoluta ou final, mas por meio de propostas de ideias que não se fixam como verdades, já que, para ela, a dialética é apenas um “processo em aberto”.⁴¹

A performatividade dos discursos

Justamente com relação a esse ponto Butler se depara com as questões feministas. A identidade abstrata de *A mulher* é também um devir, um construir sem origem ou fim. A identidade, portanto, está aberta a certas formas de intervenção e de ressignificação contínuas, porquanto seja uma prática discursiva.

Com certa filiação à filosofia de Jacques Derrida, Butler critica a metafísica da substância, apontada em Beauvoir, discutindo certas crenças divulgadas em favor de que o sexo e o corpo sejam tomados como entidades materiais naturais e de autocomprovação. Nos termos de Butler, o gênero não é natural e tampouco há uma relação necessária entre o corpo e gênero. Contudo, apesar de seu processo de naturalização, o gênero pode se apresentar com evidências de algo natural, justamente quando se posiciona como fixo e permanente e não se afigura modificar temporalmente. O conceito de performatividade é, então, o que torna possível as encenações de

⁴⁰ SALIH, 2013, p. 12.

⁴¹ SALIH, 2013, p. 13.



gênero que chamem atenção para o caráter construído de todas as identidades, inclusive em seu perfil de estabilidade. Se o desejo é o que traz a dimensão instável do ser humano, no campo do desejo as identidades são questionadas como se cada uma portasse certa natureza mimética de outras identidades de gênero e justamente aí se revela a complexidade temática, tal como se lê na introdução de *Gender Trouble*.⁴²

Finalmente, há de se indagar: Qual o impacto do desejo em Butler e em Beauvoir na relação entre vida e obra? Seria o desejo e a recusa do outro que há em cada sujeito, em sua instabilidade discursiva, e que clama por estabilidade e reconhecimento? Ou a possibilidade de que vários eus e vários outros se encontrem de forma a se equilibrar no sujeito em função da forma como o discurso se rege?

Considerações finais

Apesar das diferenças temporais entre Butler e Beauvoir e da proximidade de alguns tópicos em uma e do afastamento em outra, em termos analógicos vale mencionar que também Beauvoir repensa o desejo em sua possibilidade de subversão do sistema de poder, tal como se apreende em *Le deuxième sexe*. Assim também o próprio projeto autobiográfico de não se desvelar toda, de permitir que o outro invada o cenário da memória-escrita repercute em formas lacunosas de comunicação. Esse outro protagoniza como o sujeito dos relatos ditos autobiográficos e, sem dúvida, reconduz o desejo de conhecimento, de desvelamento, de formação da consciência de si como algo inconclusivo. Só a morte do eu e não do outro pontuaria, assim, certa miragem de completude do sujeito que se descreve numa ficção desiderativa. Contudo, os laços da escrita não seriam jamais suficientes para capturar o sujeito que se descreve na fixidez temporal que se ajusta entre a lembrança e o ato constitutivo da narrativa. Para além da narrativa há os traços da memória do vivido. Mas o que se recupera são as inscrições, pela escrita, em gestos quase fantasiosos de dizer e nomear o que se viveu. Para além da escrita, então, o sujeito é apenas um fantasma de si mesmo. Na esteira das analogias, Beauvoir deixa transparecer as sutilezas da escrita autobiográfica, que reproduz sempre novas possibilidades de interpretação do suposto sujeito que se narra a si mesmo como se fosse outro de si, um outro vivido que se confronta com o eu da escritura, cujo desejo se apresenta tanto no desvelamento de si quanto no recolhimento do feminino na cultura do século 20. Em Butler, o cenário e o método já trilham novos rumos. Ela não desenvolve suas tematizações autobiográficas ao longo de suas obras. Embora critique a filosofia francesa como desviante do conceito de desejo em Hegel, ela própria parece desconsiderar que o desejo de seguir-se, de revelar-se ao leitor não se substitui pela desconstrução dos sistemas identitários e sexuais da tradição ocidental.

⁴² BUTLER, 2007, p. xxxi.



Este desejo de constatar a impossibilidade do discurso de completude é próprio, contudo, tanto das narrativas autobiográficas de Beauvoir quanto das recusas e silêncios de Butler. De fato, ambas silenciam em função do desejo de atribuir ao discurso a competência de autodesvelamento e dos rastros de *subjetividade* ou o que dela resta enquanto conceito argumentativo no cenário contemporâneo. Na verdade, o silêncio sobre si e o desvio temático do eu são projeções da árdua tarefa feminista de demonstrar-se nas práticas de vida, no cuidado de si para chegar ao outro como apta a desejar o encontro e a se prontificar ao diálogo.

Se as teorias filosófico-feministas devem se propor tarefas transformadoras, o nosso débito com Beauvoir e Butler não poderá ser jamais solvido, especialmente nos confrontos dialógicos que a elas se propõem. Como suas leitoras, muito experimentamos das possibilidades de redescobertas das opções de identidades, mesmo que nem sempre identificáveis na dimensão discursivamente inteligível e nem sempre possível de ser expressa na complexidade textual autobiográfica.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *Balanço Final*. 3. ed. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BEAUVOIR, Simone de. *L'Invitée*. Paris: Gallimard [1943] 1972. (Folio).

BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambiguidade*. Trad. de Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005,

BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambiguïté*. Paris: Galimard, [1947] 974. (Idées).

BEAUVOIR, Simone de. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe* v. I. Paris: Gallimard, [1949] 1986. (Folio. Essais)

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe* v. II. Paris: Gallimard, [1949] 1986. (Folio. Essais)

BEAUVOIR, Simone de. *La force de l'âge*. v. I Paris: Gallimard [1960] 1984. (Folio).

BEAUVOIR, Simone de. *La force de l'âge*. v. II Paris: Gallimard [1960] 1985. (Folio).

BUTLER, Judith. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's *Second Sex*. In: *Yale French Studies*. Simone de Beauvoir: Witness to a Century, n. 72, p. 35-49, Winter 1986.

BUTLER, Judith. *Subjects of Desire*. Hegelian Reflections in Twentieth-Century France. Nova York: Columbia University Press, [1987] 2012.

BUTLER, Judith. *Sujetos del deseo*: Reflexiones hegelianas en la Francia del siglo XX. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble*: Feminism and the subversion of Identity. Nova York, Londres. Routledge, [1990] 2002.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York, Londres: Routledge [1990] 1999, 2007.

BUTLER. *Undoing Gender*. Nova York, Londres, Routledge, 2004, p. 204-231.

FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. Nova York: Noton and Company, Inc, 1963.

BUTLER, Judith. *Frames of War: When is Life Grievable?* Londres: Verso, 2009.

GOTHLIN, Eva. Beauvoir et Sartre: deux philosophies en dialogue. In: DELPHY, Christine; CHAPERON, Sylvie. *Cinquantenaire du deuxième sexe*. Paris: Syllepse, 2002, p. 113-120. (Nouvelles Questions féministes).

HEGEL, F. Wilhelm. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Phänomenologie des Geistes* [1807]. Hamburg: Felix Meiner, 1988; *Fenomenologia do espírito*. Parte I e Parte II. Petrópolis: Vozes, 1992

KRUKS, Sonia. *Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

PILARDI, Jo-Ann. Feminists Read *The Second Sex*. In: SIMONS, Margaret A. *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1995, p. 29-43.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria Queer*. Trad. de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS. Memória e feminino em Simone de Beauvoir: o problema da recepção. In: *Rev. Estud. Fem.*, Dez 2012, vol. 20, n. 3, p. 919-937.

SANTOS, Beauvoir. Paradoxos e interlocuções metodológicas. In: *Sapere Aude*. Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 271-297. 2º. Sem. 2012.

SIMONS, Margaret A. *The Second Sex: From Marxism to Radical Feminism*. In: SIMONS, Margaret A. *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1995, p. 243-297.

[Recebido em: novembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016]